

DIEGO DA COSTA COELHO PINTO – OUVIR COM OS OLHOS E FALAR COM AS MÃOS – A TECNOLOGIA QUE TRANSFORMA A COMUNICAÇÃO COM OS SURDOS

Diego da Costa Coelho Pinto¹; Nathalia Quintella Suarez Mouteira²; Franklande Caetano Pereira³

Eu nasci sem nenhum problema aparente, porém, quase um ano depois quando estava no carro junto aos meus pais, minha mãe percebeu que não reagi quando meu pai, ao volante, tocou a buzina. Minha mãe percebeu que eu permaneci tranquilo, sem reação de susto ou sobressalto ao som. Diante desta falta de reação, minha mãe suspeitou de algo sobre a minha audição e resolveu buscar ajuda para uma pesquisa mais específica. A ida ao médico e a realização de exames revelou problemas relacionados a audição, porém sem nenhum histórico de doença pré-existente.

A partir da descoberta do diagnóstico de perda auditiva neurosensorial bilateral profunda em orelha direita e severa em orelha esquerda, começaram os primeiros tratamentos. Houve indicação de atendimento fonoaudiólogo, para indicação e adaptação de aparelho auditivo, assim como terapia para o desenvolvimento da fala e linguagem. Aos 02 anos já realizava acompanhamento fonoaudiólogo para aprender e desenvolver a fala e a linguagem por meio de técnicas orais (Método Auri-oral de Linguagem Oral) possibilitando a oralização. Estas técnicas possibilitavam desenvolver a comunicação com os ouvintes por meio da oralidade, incluindo técnicas de leitura orofacial.

A iniciação da escolaridade aconteceu em rede privada de ensino. Encontrei bastante dificuldade para me adaptar ao ambiente escolar, amigos novos e professores. As limitações impostas pela surdez e as dificuldades por parte dos colegas de classe e professores para realizar a comunicação eram visíveis. Me comunicar ainda era difícil, imagine ter que me comunicar para aprender, tendo que compreender os conteúdos das disciplinas ministradas pelos professores, que ensinavam exclusivamente por meio da oralidade?

Nesta ocasião, eu ainda não havia aprendido LIBRAS. Era necessário muito esforço para entender o que eles queriam ensinar usando a leitura orofacial, também conhecida por muitos como “leitura labial”.

Um dos problemas para um surdo na situação da aprendizagem é a facilidade para se distrair ou a dificuldade de focar a atenção ao que os professores estão explicando. Isso pode implicar no atraso do desenvolvimento da aprendizagem do aluno ou mesmo a sua defasagem pedagógica.

No final do Ensino Fundamental, no 5º ano, já em escola Municipal, tive acesso ao grupo de alunos conhecida como Necessidades Educativas Especiais (NEE), onde havia uma turma com foco em pessoas com dificuldades auditivas. Existia uma turma só para surdos. Eu estudava regularmente em outra turma composta só por ouvintes, mas nesta sala de aula especificamente, percebi diferentes detalhes que me chamaram a atenção. Durante a aula tinha na parede um papel fixado acima do quadro negro com imagens de mãos que mostravam o alfabeto em LIBRAS. A partir daí, fui observando e aprendendo sozinho o alfabeto em LIBRAS.

Algum tempo depois, observei na mesa da professora um livro de LIBRAS que ela folheava, e comecei a conversar sobre esse livro e sobre LIBRAS desenvolvendo, assim, meu primeiro interesse sobre

1 Cientista da computação pelo Centro Universitário Serra dos Órgãos (UNIFESO).

2 Mestrado em Educação pela Universidade católica de Petrópolis (UCP); Especialista em LIBRAS pelo Centro Universitário Barão de Mauá (CBM); Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Serra dos Órgãos (UNIFESO). Docente do UNIFESO.

3 Curso de Tradução e Interpretação em Língua de Sinais (TILS – Mackenzie).

o assunto em questão. Depois da conversa, esta professora me levou até a outra turma só para surdos para que eu pudesse conhecer e observar os surdos que estavam conversando entre si utilizando somente LIBRAS. Não consegui compreender nada no primeiro instante, pois não conhecia essa nova língua que se utilizava dos sinais para possibilitar a comunicação, por meio de um sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituindo um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (Brasil, 2002). Um pouco mais tarde, na hora do recreio, comecei meu primeiro contato com um surdo e comecei a aprender os sinais em LIBRAS para me comunicar com os outros surdos da escola.

Em seguida, em outra escola municipal, dei continuidade à escolaridade e me deparei com mais dificuldades, pois ainda não conseguia aprender e entender com facilidade. O rodízio de professores diferentes e de disciplinas que não tinha visto ainda, a forma como davam aula, tudo representava uma dificuldade ainda maior. Demorei para conseguir me acostumar com a fala de cada professor, para utilizar a leitura orofacial, pois existiam vários professores diferentes. Em especial a disciplina de Língua Portuguesa era a que eu tinha mais dificuldades. Era um desafio absorver conhecimentos.

Após um ano e meio foi enviado o primeiro intérprete para me apoiar e ajudar a entender melhor as aulas e seus conteúdos. Todas as disciplinas tiveram seus conhecimentos repassados através das LIBRAS e passei a me beneficiar deste auxílio.

No Ensino Médio ocorreram problemas referentes a greves de professores, falta de professores em determinadas disciplinas, havendo, por consequência, corte dos intérpretes, onde os mesmos foram obrigados a deixar a interpretação das aulas junto comigo.

Posso dizer que com muita luta consegui concluir e me formar no Ensino Médio. Em 2018, entrei na faculdade de Ciências da Computação, curso que escolhi com o apoio da minha família, que me ajudou informando ser um bom curso, pois possibilitaria trabalhar com a tecnologia.

Ao iniciar a faculdade, percebi que haveria mais dificuldades para estudar e aprender, já que o ensino fundamental e médio havia deixado muitas lacunas que refletiriam em disciplinas do Ensino Superior.

Inicialmente, ao ingressar no Ensino Superior, observei que alguns professores não se preocupavam em adaptar conteúdos que possibilitassem a minha aprendizagem. Não havia manejos de ensino voltados aos surdos. Tive intérprete para me apoiar, mas nem tudo deve ficar apenas no nível da interpretação, interpretação de português como L2 para LIBRAS como L1.

Os professores não estavam acostumados a ter um aluno surdo dentro da sala de aula, por isso tinham a impressão de que a aula para um surdo deve ocorrer da mesma forma que uma realizada para alunos ouvintes.

Infelizmente, não é assim que acontece. O surdo aprende melhor pelos canais visuais e perceptivos, enquanto os ouvintes utilizam canais auditivos, visuais e perceptivos. A maneira de dar aula, portanto, deve respeitar os canais de aprendizagem dos alunos, principalmente estando os dois públicos dentro de uma mesma sala de aula. A separação não deve existir, mas sim uma forma de unir as diferenças auxiliando aos dois públicos, na busca de uma única direção, a aprendizagem. O conhecimento e a informação para ouvintes e surdos devem priorizar o objetivo comum que é o processo de ensino-aprendizagem igualitário, de forma que todos alcancem as mesmas oportunidades no futuro.

O ouvinte aprende as informações por vias auditivas, mesmo que sua atenção visual não esteja direcionada ao professor, já que não há necessidade de ver o que o professor fala. Já o surdo tem que prestar atenção na aula, nos conteúdos em forma de slides e ainda direcionar sua atenção visual para acompanhar a interpretação por parte do intérprete, sobrecarregando a atenção, que necessita se dividir a diferentes estímulos. Essa forma de atenção a tudo e a todos e necessidade de administrar tantas informações gera um cansaço mental grande, o que muitas vezes contribui para a perda do foco.

No Ensino Superior, as disciplinas necessitam de adaptação mais dirigida aos surdos para que estes possam acompanhar as aulas de forma mais interativa. O uso de imagens, exemplos diferenciados facilitam o aprendizado e promovem o alcance ao objetivo de acesso ao “ensino para todos” de forma clara e concisa.

Faculdades e Universidades precisam melhorar a preparação de conteúdos adaptados ao ensino de surdos, capacitando melhor seus professores quanto ao atendimento a esse tipo de público-alvo, para que os mesmos sejam capazes de absorver os vários conhecimentos e conseguir ter uma atitude individual e independente dos intérpretes de LIBRAS.

Os professores precisam entender as dificuldades que permeiam o universo dos surdos, assim como compreender o que sentem, por exemplo, ao assistirem aulas remotas. Os ouvintes escutam o que o professor está explicando pelo áudio e acompanham os conteúdos pelos slides, assim como os exemplos dados. Para o surdo, há um esforço maior, já que além do fato de acompanhar os slides que o professor apresenta, ainda tem que dar atenção visual ao que o intérprete está traduzindo simultaneamente.

A parte visual da disciplina é muito importante trazendo muitas informações em que ele pode se encontrar, mas perde tempo ao querer entender o que professor está explicando oralmente, quando tem que olhar o intérprete da outra tela para saber o que o professor está falando ou explicando, e também perde tempo em tentar entender onde o professor está mostrando o exemplo quando não olha a tela do slide prejudicando o aprendizado e o conhecimento.

Outra dificuldade encontrada pelo aluno surdo é na aula gravada, pois ao assistir posteriormente, com a ausência do intérprete, ele fica sem saber o que está sendo explicado.

Fica cada vez mais difícil de aprender e pode acontecer que o surdo tire nota baixa ou acham que é falta de estudo, mas não é isso, é preciso que os professores entendam que os surdos são muito diferentes dos ouvintes na maneira de aprender e guardar esse conhecimento.

DEPOIMENTO DA PROFESSORA NATHALIA QUINTELLA

Tive a oportunidade de acompanhar o Diego, ainda na escola. Fui intérprete de LIBRAS dele por dois anos, 8º e 9º ano em uma escola municipal. Sempre conversei com ele sobre a importância de fazer faculdade e as possibilidades que o ensino superior traz para as nossas vidas.

Quando ele resolveu ingressar no UNIFESO, escolheu o curso de Ciência da computação, um curso com muitos cálculos, o que para o deficiente auditivo é melhor, pois eles têm mais facilidade, já que a língua portuguesa é mais complexa para os surdos.

Nesse momento, eu já estava como professora de LIBRAS e responsável pela acessibilidade dos surdos/deficientes auditivos do UNIFESO. Com isso, tive a oportunidade de acompanhar de perto a trajetória do Diego.

Assim que ele fez a matrícula, já escolhemos o intérprete de LIBRAS, Franklande, para o acompanhar nas aulas e fazer a tradução e dar o apoio necessário. Durante o curso, Diego não teve grandes dificuldades, e por ser sempre muito social, logo conseguia o apoio dos colegas, dos professores, da coordenação que sempre estiveram à disposição para auxiliar e explicar novamente onde ele encontrava dificuldade.

Quando chegou o momento do trabalho de conclusão de curso, o TCC, Diego me procurou para orientar o trabalho dele. Optamos por um trabalho onde ele pudesse falar das coisas que aprendeu e vivenciou no período do curso. Assim, ele pode ajudar a todos a entender como foi essa trajetória, principalmente no período da pandemia de COVID-19.

Diego se formou no curso e já saiu com um contrato de trabalho, que o possibilita iniciar sua vida profissional ganhando experiência e podendo crescer cada vez mais na profissão.

Acompanhar o Diego nesse processo foi lindo demais, ver o menino do ensino fundamental, que gostava de joguinho de celular, ficar vendo filmes de terror e jogando vídeo game até de madrugada, se transformar em um homem responsável, formado, um bom profissional é emocionante e muito gratificante. Que bom poder ter feito parte dessa história.

DEPOIMENTO DO INTÉRPRETE DE LIBRAS FRANKLANDE PEREIRA

Comecei a trabalhar como intérprete do aluno Diego, no segundo semestre de 2018, e nos primeiros dias, tive que me adaptar as novas disciplinas, os novos professores, dinâmica de aula, pois seria a primeira vez que teria contato no curso de Ciências da Computação.

Nas primeiras semanas, o aluno demonstrou muita disposição ao aprendizado, interesse nas aulas, fiz algumas pesquisas referentes aos sinais utilizados durante as aulas, para me atualizar a novos sinais e atualização de outros já existentes.

O aluno demonstrou grande evolução diante dos novos desafios, pois estava perto de fazer uma cirurgia no final do ano e colocar um implante coclear para melhorar futuramente sua audição e fluência também em libras. Durante este tempo de formação, Diego fez alguns cursos que o ajudaram a crescer como pessoa, parte profissional, como o curso de instrutor em libras, e também, alguns cursos na parte de computação.

Aconteceram algumas reviravoltas durante o curso, pois o mesmo se sentia deslocado em apresentar trabalhos junto aos seus companheiros de sala, mas teve que vencer suas limitações e conseguiu melhorar nessa parte de apresentações, desenvolvendo autonomia e melhorando a autoestima.

Iniciou seu TCC uns dois anos antes de terminar sua formação, estando assim muito tranquilo quanto aos assuntos abordados.

Durante o ano de 2019, deu início as aulas, fez todos seus trabalhos, realizou suas provas, até que no final do ano, começaram os problemas relacionados ao Covid 19.

No final de ano de 2019, ele teve alguns problemas em se adaptar as aulas online sem o apoio direto dos professores, pois tinha mais facilidades em aulas presenciais, com melhor retorno de conhecimentos para o aluno em tirar dúvidas sobre os conteúdos.

Tivemos que fazer alguns alinhamentos, pois a plataforma da instituição não contava com recursos de janela de libras. Então fizemos algumas adaptações para que pudéssemos avançar diante das novas demandas estando em casa e não podendo ter contato com os alunos e professores.

De casa, montamos um sistema de trabalhar com dois computadores, um assistindo o professor dando sua aula, e no outro computador eu, o intérprete, fazendo toda tradução em libras para que o aluno Diego pudesse progredir em seus estudos, com o apoio da instituição e com apoio do NAPPA naquele instante tão difícil para todo país e mundo.

O aluno, nos primeiros dias, encontrou alguns problemas na parte técnica, pois por vezes caía a rede, travava o computador por falta de estabilidade da rede, alguns professores davam aula do Rio de Janeiro, instabilidade na rede deles, e quando travava, atrapalhava a interpretação, confundia o aluno sobre os conteúdos, que ficava algumas vezes para resolver em outra oportunidade.

Os professores também apoiavam muito o aluno entrando mais cedo nas aulas para tirar dúvidas, apresentar de novo algumas explicações sobre lacunas existentes em assuntos anteriores. Essas aulas eram assistidas pelo nosso aluno surdo, e acabava que outros alunos que não apresentavam problemas de aprendizado, começaram a seguir essas aulas mais cedo tirando dúvidas com o professor sobre aulas

passadas. Resumindo, uma adaptação que o professor fez para um aluno com problemas de audição ou surdo, ajudou seus companheiros também com dúvidas que faziam parte de sua formação também.

Depois desses momentos de adaptações, as aulas começaram a fluir melhor, até que passado um ano e meio de estudos em casa de lockdown, as aulas começaram a voltar presencialmente em 2021, o aluno, que já estava com o seu TCC bem adiantado, finalizava seus estudos, focando mais no final de sua formação.

Passamos por várias experiências boas durante essa fase de Covid e pós-Covid em que as pessoas e o mundo procuravam voltar a uma normalidade, que não existia mais.

O aluno inclusive passou por uma experiência muito marcante para ele em que um professor do curso, o Eugênio, de Inteligência Artificial, estava dando uma entrevista para o jornal do UNIFESO, citou o esforço de um de seus alunos, o Diego, que mesmo com todas suas limitações por causa de sua surdez, se esforçava para seguir em frente.

Então resolveram procurar saber um pouco melhor essa história e acabaram fazendo uma entrevista online com o estudante sobre o depoimento do professor, sobre seu esforço em seguir em frente, mesmo diante dos problemas, usando de superação com nosso apoio e do pessoal do NAPPA, visando o melhor atendimento ao aluno e de sua formação.

No final de todo esse processo, o aluno terminou sua formação, passando em todas suas disciplinas.

Chegou o dia tão esperado, a sua apresentação de TCC. Diego ficou muito nervoso, sentindo que não daria conta, e teve o apoio de uma pedagoga do NAPPA, treinando sua dicção, para apresentar oralmente, mas durante esse processo, resolveu apresentar em libras com a versão direta feita pelo intérprete.

No dia da apresentação, as perguntas feitas pelos seus avaliadores foram respondidas dentro do esperado, e após a reunião final da banca examinadora, Diego recebeu a notícia da sua aprovação. Ele foi assistido *online* por seus familiares e amigos, que com muita alegria o felicitaram por sua atuação e seu aceite.

A professora de libras Natália Quintela ficou responsável, junto ao orientador, apoiar o aluno na execução de seu TCC, correções e adaptações, segundo documentos que apoiam ao aluno para conclusão de seu trabalho.

Finalizando esse relato, só tenho a dizer que foi um prazer durante todos esses anos trabalhar com esse aluno, e pelo seu esforço e o respeito como tratava seus companheiros de classe, professores, coordenadores e colaboradores do NAPPA, local em que sempre que tinha algum problema procurava apoio e acolhimento.